

# Rogério Miguez

## Os médiuns e os Espíritos sofredores

### Resumo

Não é incomum encontrar-se difundido no meio espírita o entendimento de que os médiuns são os únicos capazes de viabilizar a reorientação dos Espíritos sofredores e de que, sem eles, não poderia haver melhora para estes Espíritos. Buscou-se neste artigo desmistificar esta ideia, destacando que Deus possui muitos mecanismos para recuperar Espíritos que, por conta de condutas desvirtuadas em existências anteriores, acabam por desencarnar sem condições de serem ajudados de imediato.



A mediunidade – utilíssima ferramenta de trabalho -, sempre existiu, o Espiritismo não inventou sua existência, mas revelou suas leis, estabelecendo nomenclatura própria e adequada, definindo a forma como empregá-la com eficiência, estabelecendo algumas condutas para o seu uso consciente e produtivo. Sendo uma lei de Deus, há que ter estado presente junto a todos aqueles que por aqui estiveram antes de nós.

Ao longo da História sempre houve médiuns detentores de diversas capacidades, exercendo suas modestas missões - a esmagadora maioria -, apesar de não saberem exatamente como funcionavam, quais a suas utilidades, sob que leis existiam.

No século XIX, o Governador da Terra - Jesus, o Cristo, houve por bem permitir, sempre refletindo o desejo de Deus em seus perfeitos desígnios, a revelação formal desta caridosa lei, por meio de um Espírito missionário, entre tantos que já nos visitaram, agora encarnado na França.

Este francês, entre outras singulares obras, elaborou o primeiro tratado sobre a mediunidade, intitulando-o *O livro dos médiums*, um guia seguro para todos aqueles desejosos de colaborar na vinha do Senhor, por intermédio desta divina faculdade. Entre outras importantes obras, formou um conjunto granítico esclarecendo sobre incontáveis temas de nosso interesse, com uma característica muito peculiar: uma obra pode acrescentar explicações sobre o tema central de outra obra.

Sendo assim, para todo aquele interessado em bem compreender as normas que regem as atividades mediúnicas, será preciso conhecer, e, certamente, mais do que apenas saber, é preciso estudar todos os livros escritos pelo Codificador, para fazer uma ideia justa do conjunto, observando detalhes importantíssimos que, sem notar estes pormenores, acaba por fazer errôneo ajuizamento sobre o que é o Espiritismo e, por conseguinte, o que seria a mediunidade, seu alcance, limitações, aplicações e importância. E, por deixarem de lado o correto conhecimento das leis de Deus, privilegiando e se satisfazendo apenas com a vivência dos fenômenos mediúnicos, que não representam a parte mais importante da Doutrina, acabam por se deixar impregnar por maneirismos quando atuando nessa área.

Apesar desta realidade, muitos não seguem esta salutar e cristalina norma; assim, deixando de fazê-lo, acabam por criar entendimentos distanciados do bom senso e, em consequência, se inquietando em demasia.

Uma destas conclusões equivocadas se dá quando o trabalhador da área mediúnica crê, piamente, que por deter provisoriamente os chamados *dons* mediúnicos, constitui uma peça absolutamente indispensável e fundamental na engrenagem das atividades de uma Casa Espírita, contrariando o postulado de que ninguém é insubstituível.

Não é incomum que este trabalhador, muitas vezes com formação teórica e prática deficiente, julgue que os chamados Espíritos sofredores do Além precisam necessariamente de seu

concurso, sob pena de não receberem a atenção devida para se reequilibrarem, acreditando que o atendimento a estes necessitados é a única e mais importante forma de atuação de um médium. Não percebem, desta forma, que estão totalmente equivocados, pois não entenderam ainda que as leis de Deus atendem os sofredores de uma forma ou de outra, como vinham fazendo desde priscas eras, mesmo antes da publicação no ano de 1861 de *O livro dos médiuns*. Afinal, as mesas já giravam bem antes de Allan Kardec se interessar pelos fenômenos ditos sobrenaturais.

Creem, estes ainda desavisados médiuns, que se não houver Centro Espírita e sala mediúnica, estariam impossibilitados de usar seus recursos mediúnicos e, por não os empregarem, estariam fadados ao insucesso no cumprimento da missão que lhes foi confiada por Jesus.

Alguém já disse no passado que o Espiritismo era um grande desconhecido e, chegados ao século XXI, tudo indica que a Doutrina dos Imortais permanece substancialmente ignorada, principalmente por alguns setores afetos à sua prática, como é o campo de atuação da mediunidade.

Embora alguns seguidores do Espiritismo insistam em permanecer ignorantes dos seus princípios, a verdade não deixará os compêndios espíritas, e muito menos vai alterar as imutáveis leis de Deus, e uma das obras relativamente ignorada pelos espíritas chama-se *O céu e o inferno*, o quarto livro fundamental.

Nesse verdadeiro tratado sobre o real funcionamento da Justiça Divina, há uma seção que contempla depoimentos de criminosos arrependidos, particularmente, um assassino que morou próximo à região de Castelnaudary - França. Este homem, após desencarnar, assombrou a residência em que morou, local de seus crimes, chamando a atenção de Allan Kardec que o evocou em 1859 na Sociedade de Paris.

Descobriu-se que ele permanecia imantado à casa onde residia, sem poder dali se afastar, por mais de duzentos anos, como forma de expiação. Após algumas sessões e esclarecimentos, melhorou sensivelmente recebendo a permissão de deixar a moradia, caso assim desejasse.

Entretanto, o que nos interessa de perto, são os comentários finais de Allan Kardec:

Perguntar-se-á que seria deste Espírito se não fosse evocado, o que será de todos os sofredores que o não podem ser, bem como daqueles em que se não pensa... Poderíamos redarguir que os meios de que Deus dispõe para salvar as criaturas são inumeráveis, sendo a evocação um dentre esses meios, porém, não único, certamente. Deus não deixa ninguém olvidado, além de que, sobre os Espíritos suscetíveis de arrependimento, as preces coletivas devem exercer alguma influência.

A sorte dos Espíritos sofredores não poderia ser por Deus subordinada à boa vontade e aos conhecimentos humanos.

[...]

Aos sofredores jamais faltaram socorros em qualquer época e, se as evocações lhes proporcionam uma nova via de salvação, aproveitam ainda mais, talvez, aos encarnados, por lhes proporcionar novos meios de fazer o benefício, instruindo-se ao mesmo tempo sobre as condições da vida futura.<sup>1</sup>

Quanta lucidez do sábio de Lyon!

De início, poderíamos destacar o esclarecimento de Allan Kardec sobre meios – *inumeráveis* - disponíveis nas Leis Divinas para atender às necessidades dos Espíritos sofredores, informação esta que põe por terra a argumentação de alguns médiuns de que eles seriam elementos imprescindíveis para pôr em prática esta nobre ação de ajudar aqueles que hoje se encontram em dificuldades morais e desorientados, por conta de suas muitas condutas contrárias às normas divinas quando encarnados. Além disso, elucida que os Espíritos sofredores suscetíveis de arrependimento podem receber apoio pelas preces coletivas, prática nem sempre presente em instituições espíritas.

É por essa razão que na terceira obra básica – *O evangelho segundo o espiritismo* - Allan Kardec discorre sobre a *Prece pelos mortos e pelos Espíritos sofredores* e, no capítulo derradeiro dessa mesma obra, sugere duas possibilidades de preces no item “Pelas almas sofredoras que pedem preces”.

Compreende-se, dessa forma, que qualquer pessoa pode ajudar os desencarnados sofredores, seja médium ou não, esteja participando de uma reunião de desobsessão ou não. Além disso,

não podemos esquecer, há também os sofredores encarnados a quem se pode endereçar, igualmente, as nossas preces.

E mais, Allan Kardec faz contundente esclarecimento de que Deus não pode ficar à mercê dos homens ainda muito imperfeitos e dos seus avanços voluntários na obtenção do autoesclarecimento.

Por último, enfatiza que as evocações representam uma nova forma de se atender as muitas necessidades de Espíritos sofredores, embora chame a atenção, e esse é um entendimento raro entre os portadores do *dom* mediúnico, de que na realidade quem deveria aproveitar mais do fenômeno são os próprios médiuns ao se instruírem sobre a vida futura, o que dificilmente acontece, de modo geral, os médiuns estão longe da condição ideal de bem atuarem junto à Espiritualidade:

#### 9. Qual o médium que poderíamos qualificar de perfeito?

“Perfeito? Ah! bem sabes que a perfeição não existe na Terra; se não fosse assim, não estaríamos nela. Dizei, portanto, bom médium e já é muito, pois eles são raros. Médium perfeito seria aquele contra o qual os Espíritos maus jamais *ousassem*, fazer uma tentativa qualquer para enganá-lo. O melhor é o que, simpatizando somente com os Espíritos bons, tem sido enganado com menos frequência.”<sup>2</sup>

Contudo, mesmo diante de elucidações tão claras e compreensíveis, sabemos que haverá aqueles que reagirão contrariamente, tentando questionar o inquestionável, pois a verdade será sempre a verdade, e se escolhermos a Filosofia Espírita para nos guiar os passos em nossas jornadas evolutivas, devemos ser fieis aos seus postulados.

E, para ajudar no entendimento e aceitação dessa tese, embora isso não seja necessário, pois os postulados teóricos são muito claros, sugerimos uma atenta reflexão sobre o que recentemente aconteceu no Planeta Terra: o surgimento do *Coronavírus*.

Entre tantas lições possíveis de serem colhidas por essa inesperada situação, assistimos o verdadeiro desespero de incontáveis médiuns, alegando estar em sofrimento, angustiados, aturdidos, diante do fato das Casas Espíritas estarem fechadas e eles precisarem trabalhar mediunicamente. Sentiam-se inúteis,

mesmo diante de tanto por fazer. Queriam *atender e salvar* os Espíritos sofredores de qualquer maneira, criando inclusive uma novidade, prática singular, rotina jamais prevista: *reuniões virtuais de atendimento aos sofredores!* Sobre esta prática, convém tomar ciência deste comunicado: “Inconveniência das reuniões mediúnicas virtuais”.<sup>3</sup>

Foi um verdadeiro turbilhão de reclamações, sem se atentarem sobre a onisciência, onipresença e onipotência do Criador que tudo vê e possui recursos inimagináveis para prover adequado atendimento aos Espíritos sofredores.

Graças a Ele, tudo passou e todos sobreviveram, não há notícia de nenhum médium que tenha perdido a sua sanidade por conta de não encontrar uma sala mediúnica em funcionamento. A propósito, sugerimos a leitura atenta do texto: “Mediunidade não se desenvolve apenas em salas mediúnicas”.<sup>4</sup>

O presente artigo não tem por objetivo desestimular os trabalhadores envolvidos nas nobres atividades da desobsessão, quando empregam suas faculdades em prol dos muitos irmãos que se encontram desorientados no plano etéreo, mas apenas esclarecer que certas posições, alegadamente doutrinárias, não se sustentam quando se conhecem os fundamentos do Espiritismo, conhecimento que só pode ser obtido pelo estudo atento e continuado das obras que compõem a Doutrina dos Espíritos.

## REFERÊNCIAS:

<sup>1</sup> KARDEC, Allan. *O céu e o inferno*. Tradução Manuel Quintão. 61. ed. 12. imp. [Edição Histórica] Brasília,DF: FEB, 2022. 2ª pt. cap. 6. it. O Espírito de Castelnauary.

<sup>2</sup> KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Tradução Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 9. imp. Brasília,DF: FEB, 2022. 2ª pt., cap. 20, it. 226.

<sup>3</sup> <https://www.febnet.org.br/portal/wp-content/uploads/2020/05/INCONVENIE%CC%82NCIA-DAS-REUNIO%CC%83ES-MEDIU%CC%81NICAS-VIRTUAIS.pdf>

<sup>4</sup> <http://www.oconsolador.com.br/ano11/561/ca8.html>